

JOSÉ MARIA ALVES

**O MOVIMENTO SURREALISTA DE LISBOA
ALGUNS POEMAS**

www.homeoesp.org
www.josemariaalves.blogspot.com

O Manifesto do Surrealismo de André Breton foi publicado no ano de 1924. O surrealismo é indubitavelmente um movimento "revolucionário" nas artes – *lembramos aqui o recurso ao automatismo psíquico com todas as suas consequências.*

Breton e Soupault, nomearam-no em homenagem ao poeta Guillaume Apollinaire.

Podemos dizer, que existiu em Portugal um verdadeiro movimento surrealista, movimento de vanguarda, conhecido como movimento surrealista de Lisboa (*Perfecto E. Quadrado, "A Única Real Tradição Viva, Antologia da Poesia Surrealista Portuguesa", Assírio & Alvim*).

Passou por algumas vicissitudes, como é aliás natural no desenvolvimento estrutural e conceptual de qualquer grupo que se organize doutrinalmente.

O Movimento terá dado os seus primeiros passos nas reuniões do Café *Herminius*, no ano de 1940. Reunia-se aí, um grupo de estudantes da Escola António Arroio: António Domingues, Cruzeiro Seixas, Fernando de Azevedo, Fernando José Francisco, José Leonel Rodrigues, Júlio Pomar, Mário Cesariny, Pedro Oom e Vespeira.

Em 1947, ter-se-á constituído, "apadrinhado" por Alexandre O'Neill, António Domingues, António Pedro, Azevedo, Cândido Costa Pinto – *que foi expulso do grupo* –, José-Augusto França, Mário Cesarin e Vespeira.

Cerca de um ano depois, Cesariny rompe com o grupo, agregando ao seu redor, nomes como o de António Maria Lisboa e Pedro Oom. Em 1951 é a vez de O'Neill. Contudo, a sua poesia nunca omitiu a sua influência.

O Manifesto do "Aviso a Tempo por Causa do Tempo", de António Maria Lisboa, exemplifica-nos a atitude dos surrealistas portugueses:

Declara-se para que se saiba:

1.º - que não apoiamos qualquer partido, grupo, directriz política ou ideologia e que na sua frente apenas nos resta tomar conhecimento: algumas vezes achar bom outras achar mau. Quanto à nossa própria doutrina, os outros hão-de falar.

2.º - que não simpatizando com qualquer organização policial ou militar achamo-las no entanto fruto e elemento exacto e necessário da sociedade - com quem não simpatizamos igualmente.

3.º - que sendo nós indivíduos livres de compromissos políticos permaneceremos em qualquer local com o mesmo à-vontade. Seremos nós os melhores cofres fortes dos segredos do estado: ignoramo-los.

4.º - que sendo individualmente e portanto abjeccionalmente desligados das normas convencionais, temos o máximo regozijo em ver essas mesmas normas nos componentes da sociedade. Assim delas daremos por vezes testemunho e mesmo ensino.

5.º - que não somos assim contra a ordem, o trabalho, o progresso, a família, a pátria, o conhecimento estabelecido (religioso, filosófico, científico) mas que na e pela Liberdade, Amor e Conhecimento que lhes preside preferimos estes.

6.º - que a crítica é a forma da nossa permanência.

(...)

- António Maria Lisboa, Poesia, Assírio & Alvim.

Em Abril do ano de 1950, finalizando o “Comunicado dos Surrealistas Portugueses”, assinado por Artur do Cruzeiro Seixas, João Artur Silva e Mário Henriques Leiria, lê-se: “Para a pátria, a igreja e o estado a nossa última palavra será sempre: MERDA.”

Mário Cesariny, diria que “o Homem só será livre quando tiver destruído toda e qualquer espécie de ditadura religioso-política ou político-religiosa e quando for universalmente capaz de existir sem limites. Então o Homem será o Poeta e a poesia será o Amor-Explosivo.”

Numa entrevista, diz o mesmo Mário Cesariny: “ (...) o surrealismo é o que existe de mais parecido com a poesia. Não se ensina, não é possível. Tudo o que é pedagógico é muito mau. Tudo o que nasce como revolta é um tormento. O surrealismo foi um convite á poesia, ao amor, à liberdade, à imaginação pessoal. (...) Aquilo a que se chamou o surrealismo existiu sempre.”

Março de 2010

JOSÉ MARIA ALVES

ALEXANDRE O´ NEILL

APROVEITANDO UMA ABERTA

«Ó virgens que passais ao sol-poente»
com esses filhos-família,
pensai, primeiro, na mobília,
que é mais prudente.

Sim, que essa qualidade,
tão bem reconstituída,
nem sempre, revirgens, há-de
proporcionar-vos a vida

que levais
Se um tolo nunca vem só,
quando não vem, não vem mais
ou vem, digamos por, por dó...

E o dó dói como um soco,
até mesmo quando parte
de um tolo que a vossa arte
promoveu de tolo a louco.

Eu quando digo mobília,
digo lar, digo família
e aquela espiada fresta,
aberta, patente, honesta,

retrato oval da virtude,
consoladora do triste,

remanso, beatitude
para o colérico em riste.

Assim, sim, virgens sensatas!
(Nos telhados só as gatas...)
Pensai antes na mobília,
honestas mães de família,
e aceitai respeitos mil
do vosso
Alexandre O'Neill!

NO REINO DO PACHECO

Às duas por três nascemos,
às duas por três morremos.
E a vida? Não a vivemos.

Querer viver (deixai-nos rir!)
seria muito exigir...
Vida mental? Com certeza!
Vida por detrás da testa
será tudo o que nos resta?
Uma ideia é uma ideia
- e até parece nossa! -
mas quem viu uma andorinha
a puxar uma carroça?
Se à ideia não se der
o braço que ela pedir,
a ideia, por melhor
que ela seja ou queira ser,
não será mais que bolor,
pão abstracto ou mulher
sem amor!

Às duas por três nascemos,
às duas por três morremos.
E a vida? Não a vivemos.

Neste Reino do Pacheco
- do que era todo testa,
do que já nada dizia,
e só sorria, sorria,
do que nunca disse nada
a não ser prà galeria,
que também não o ouvia,
do que, por detrás da testa,

tinha a testa luzidia,
neste reino do Pacheco,
ó meus senhores que nos resta
senão ir aos maus costumes,
às redundâncias, bem-pensâncias,
com alfinetes e lumes,
fazer rebentar a besta,
pô-las de pernas pró ar?

Por isso, aqui, acolá
tudo pode acontecer,
que as ideias saem fora
da testa de cada qual
para que a vida não seja
só mentira, só mental...

DEIXA

A tua mãe o marfim crucificado
ao teu pai o vício mais ronceiro
e a quem quiser
os lindos pentes da virtude

Frases célebres
todas
e não esqueças aquela
que diz assim

PAIS
que fazeis?
OS VOSSOS FILHOS
não são tostões
GASTAI-OS DEPRESSA!

Deixa também a ilusão de que te amaram
àquelas duas que ali não vês

Só no tempo em que os suicidas
como os animais falavam
valia a pena desiludir

Deixa ainda
o que a álgebra mais secreta
decidiu a teu favor

A sombra que projectaste
talvez alguém a resolva
num diamante cruel

O POEMA POUCO ORIGINAL DO MEDO

O medo vai ter tudo
pernas
ambulâncias
e o luxo blindado
de alguns automóveis

Vai ter olhos onde ninguém os veja
mãozinhas cautelosas
enredos quase inocentes
ouvidos não só nas paredes
mas também no chão
no tecto
no murmúrio dos esgotos
e talvez até (cautela!)
ouvidos nos teus ouvidos

O medo vai ter tudo
fantasmas na ópera
sessões contínuas de espiritismo
milagres
cortejos
frases corajosas
meninas exemplares
seguras casas de penhor
maliciosas casas de passe
conferências várias
congressos muitos
óptimos empregos
poemas originais
e poemas como este
projectos altamente porcos
heróis
(o medo vai ter heróis!)

costureiras reais e irreais
operários
(assim assim)
escriturários
(muitos)
intelectuais
(o que se sabe)
a tua voz talvez
talvez a minha
com certeza a deles

Vai ter capitais
países
suspeitas como toda a gente
muitíssimos amigos
beijos
namorados esverdeados
amantes silenciosos
ardentes
e angustiados

Ah o medo vai ter tudo
tudo

(Penso no que o medo vai ter
e tenho medo
que é justamente
o que o medo quer)

O medo vai ter tudo
quase tudo
e cada um por seu caminho
havemos todos de chegar
quase todos
a ratos

Sim
a ratos

O LANTERNA VERMELHA

Que interessa mostrar que você está morta e, o que é
melhor, sem seios,
D. Adelaide Janeleira?
Que Sua Besta voltou a meter as mãos dentro do prato
ou que o Dr. Falaz está às moscas?
Ou que há velhas ourinadas nas pastelarias
ainda a fazerem cu-curru ao Brilhantinas?
Que falta de tacto me pode permitir ainda
falar dos três que – traição! – não estão lá
onde estiveram uma eternidade?
Que tropeção no gosto me leva a cair sempre em cima
da cantora a que ninguém dá ouvidos
(prouvera ao Velho fosse boa, mesmo que não
cantasse...)
Que ancestral timidez me faz beijobicar a ebúrnea
manita de Moema
quando o que valia a pena era trincá-la
para que ao menos uma vez houvesse sangue
naquela sala?
Que têm os outros com certa pacotilha
que transporto na m´alma
Para quê aguitarrar a frustração?
Para quê maxilar a agressão?
Anda, vá, dá-me a tua opinião!

- Sento-me na geral, vejo-me no palco e não me tomo a sério.

- Se eu te tomasse a sério (estás a ouvir, Alexandre?)
fazia-te perpassar nonchalamment pelos santuários,
deixava que certas fêmeas te devorassem
enquanto tu louvarias a Deus
sem esses palavrões que são agora os teus,

ou (solução-solução) fazia de ti um grande e querido desgarrado,
um que soubesse organizar passeios à Angústia, ao Remorso, ao Outro Lado,
mas em tirar o rico sono aos mortos.
Se eu te tomasse a sério carrilava-te,
meu lanterna vermelha!

Que interessa a gloriola (simiesco nome)?
Que interessa aparecer em Estocolmo a bordo de um poema
que não chega sequer a Trás-os-Montes?
Para quê negacear com os espelhos
quando os espelhos se revêem em nós?
Não acha o colega que a poesia não tem nada a ver com a pesquisa?
(Pesquisas fazem-se em casa, já dizia a minha avó, que era escritora).
Não acha o colega que estamos todos a exagerar
no fabrico da faca em lâmina a que falta o cabo?
Não lhe parece, caro colega, que a poesia deve ter por objectivo a verdade prática?
«E o que é a verdade prática?» pergunta logo o colega para me codilhar.
«E o que é o lume?» perguntou-me por gestos o meu filho.
«É o que queima» disse-lhe eu através do gesto de o queimar com a ponta do cigarro.
Será isto a verdade prática? Ajude-me, por favor, caro colega.
A colega perdoe, mas se o seu marido não cumpre os deveres por assim dizer conjugais
que tem a poesia com isso?
Desabafe antes com uma amiga, ou se tiver coragem,
com um amigo
que pode muito bem ser este seu criado...
Quando fizer strip-tease, simpática colega,
não se esqueça de deixar-se no poema toda nua
mas tirando só no fim as meias pretas, que os homens gostam mais ...

Se o colega tem na montra, tem,
versos tão neo-bondadosos,
o que não terá no armazém, hein?
Pst! Colega! Não vai um tirinho,
um tirinho nesse corpinho?
Já sabemos, respeitabilíssima colega,
que traz alguns anjos a voar
no seu céu de papel,
mas não se esqueça de os reabastecer
com combustível terrestre volta e meia:
ficarão mais parecidos...
Colega (passe o termo...) a sua rosa
já se desfardou?
Mande antes vir, em vez de rosas mentirosas,
9 tostões de pão e 3 de vinho,
tudo muito bem desenhadinho...
E agora, colegas, terminando
esta fantasia a fogo brando
onde nenhum pano cai,
cantemos allegro para os críticos,
lembrando o que está a ir,
esquecendo o que já lá vai:

Se não fôssemos nós
quem eram vocês?

Se não fossem vocês
quem éramos nós?

Quem nos lê a nós?
São vocês (e nós...)

Quem vos lê a vocês?
Somos nós (e vocês...)

Tudo fica, pois,
entre nós, entre nós...

CÃO

Cão passageiro, cão estrito,
cão rasteiro cor de luva amarela,
apara-lápis, fraldiqueiro,
cão liquefeito, cão estafado,
cão de gravata pendente,
cão de orelhas engomadas,
de remexido rabo ausente,
cão ululante, cão coruscante,
cão magro, tétrico, maldito,
a desfazer-se num ganido,
a refazer-se num latido,
cão disparado: cão aqui,
cão além, e sempre cão.

Cão marrado, preso por um fio de cheiro,
cão a esburgar o osso
essencial do dia-a-dia,
cão estouvado de alegria,
cão formal da poesia,
cão-soneto de ão-ão bem martelado,
cão moído de pancada
e condoído do dono,
cão: esfera do sono,
cão de pura invenção, cão prefabricado,
cão-espelho, cão-cinzeiro, cão-botija,
cão de olhos que afligem,
cão-problema...

Sai depressa, ó cão, deste poema!

ANTÓNIO DACOSTA

O TRABALHO DAS NOSSAS MÃOS

EU ERA NOVO E TU SIMULAVAS
TARDES IMÓVEIS À PORTA DO NOSSO MEDO NAS MAIS
DIFÍCEIS EM QUE TE
OCUPAVAS COM GESTOS E UMA INVENCÍVEL ENTREGA
TE
FAZIA INVEJAR AS CHA-
MINÉS E OS SEUS FUMOS.
TU, O TEU SANGUE CREPUSCULAR, DISSOLVIA O MEU
REMORSO DE TER NASCIDO E
DISSOLVIA O PEZ QUE OS OUTROS COLAVAM AO NOSSO
CORPO.
O TEU GESTO DE MOLHAR A LUZ NA TUA PELE
DISFARÇAVA
COM CUIDADO QUAL-
QUER ASA DE PECADO.
O NOSSO RECEIO NÃO ERA JÁ DAS CINZAS QUE NOS
APOU-
CAM. A LIMPIDEZ DO CÉU,
TRABALHO DAS NOSSAS MÃOS, ENTREABRIRA-TE OS
LÁBIOS
DOUTRA SEDE, PERMA-
NENTE COMO A CHUVA.

EU ERA NOVO E TU SIMULAVAS OS MEUS DEDOS DESFO-
LHANDO-SE.
PORQUE O NOSSO PESO ERA DE SÍMBOLOS, DECIDISTE
CRIAR OUTROS.

A DORMIR REFIZEMOS OS NOSSOS FRUTOS DE ALEGRIA
E
NUNCA NINGUÉM NOS IM-
PORTUNOU COM TARJAS TRISTES À NOSSA PORTA. a
VIVER
REFIZEMOS AS COISAS E
O SEU GUME, NA EVIDÊNCIA DO QUE EXISTE.
DESPIAS SORRIDENTE, DESLUMBRADA, AQUELE QUÊ DE
AUSENTE NA CARNE DAS
ESTÁTUAS, E NADA QUE NÃO FOSSE EXACTO TURBAVA
OS
TEUS OLHOS. A TERRA
ABRIA-SE PARA A CHUVA ENQUANTO A SEMENTE DO DIA
ENTRAVA NO BICO DOS
PÁSSAROS. HAVIA UM GESTO DE ELEVAÇÃO.

EU SIMULAVA VER UM BARCO INCENDIADO, UM MAR
DE LIXÍVIA A ARDER E AS REN-
DAS DA NOITE CREPITANDO. OUVES AINDA O RUMOR
DAS
ESTRELAS DE QUE, NOS
DECLIVES, DEPENDIAM NOSSOS PASSOS? UM PEDESTAL
DE
ÓCIO SUSTINHA AS ES-
TÁTUAS DO VALE, INERTES DE DESTERRO, TODAS DE
ROSTO
SEMELHANTE, EXISTIN-
DO DE AUSÊNCIA ERGUIDA.
NESSA HORA O LINHO QUE NOS COBRIA TINHA
QUALQUER
COISA DE FERROZ E RECLA-
MAVA SANGUE.
O BRANCO ENSINOU-NOS A ESPADA. A ESPADA A
CORAGEM
DE A SABER INÚTIL.
UM DIA DISSESTE A FITAR OS OLHOS DE IMENSAS
COISAS –
QUE AO MENOS NOS
SALVEMOS NÓS! – DÓI-ME O CORPO DE ESPERAR...

ANTÓNIO MARIA LISBOA

RECUSA

I

É muito possível durante os primeiros meses
uma importante viagem à Ásia – essa
é uma das consequências
secretas
em que não se tomaram quaisquer resoluções finais
e ambas chegaram igualmente

II

ainda um cu marinho de agonia onde eu
sou um copo de aguardente francesa e tu
uma gaivota que passa rente ao barco que me leva

III

- Eu sou uma coisa qualquer
Eu sou uma qualquer coisa
sou uma qualquer coisa eu
uma qualquer coisa eu sou
qualquer coisa eu sou uma
coisa eu sou uma qualquer

EU NÃO SOU UMA COISA QUALQUER

- eu sou uma cidade

- eu sou ZANONI de Bulwer Lyton
 - eu sou uma errata
 - onde está a minha vida deve-se ver a nossa vida
- (...)
- onde está Deus deve-se ver o Diabo
 - onde está o Amor deve estar o Grande Amor Mágico Amor Meu
 - onde estou Eu deves estar Tu
 - onde estão os lábios da nossa vida HÁ uma porta secreta minúscula

O-AMOR
MEU AMOR

POEMA A MÁRIO CESARINY

A Mário Cesariny

Moveu-se o automóvel – mas não devia mover-se
não devia!

Ontem à meia-noite três relógios distintos bateram:
primeiro um, depois outro e outro:
o eco do primeiro, o eco do segundo, eu sou o eco do
terceiro

Eu sou a terceira meia-noite dos dias que começam

Pregões de varina sem peixe
- peixe morreu ao sair da água
e assim já não é peixe

Assim como eu que vivo uma VIDA EXTREMA.

POEMA H

Sei que dez anos nos separam de pedras
e raízes nos ouvidos

e ver-te, ó menina do quarto vermelho,
era ver a tua bondade, o teu olhar terno
de Borboleta no Infinito

e toda essa sucessão de pontos vermelhos no espaço
em que tu eras uma estrela que caiu
e incendiou a terra

lá longe numa fonte cheia de fogos-fátuos.

POEMA Z

As formas, as sombras, a luz que descobre a noite
e um pequeno pássaro

e depois longo tempo eu te perdi de vista
meus braços são dois espaços enormes
os meus olhos são duas garrafas de vento

e depois eu te conheço de novo numa rua isolada
minhas pernas são duas árvores floridas
os meus dedos uma plantação de sargaços

a tua figura era ao que me lembro
da cor do jardim.

PROJECTO DE SUCESSÃO

Continuar aos saltos até ultrapassar a Lua
continuar deitado até se destruir a cama
permanecer de pé até a polícia vir
permanecer sentado até que o pai morra

Arrancar os cabelos e não morrer numa rua solitária
amar continuamente a posição vertical
e continuamente fazer ângulos rectos

Gritar da janela até que a vizinha ponha as mamas de
fora
pôr-se nu em casa até a escultora dar o sexo
fazer gestos no café até espantar a clientela
pregar sustos nas esquinas até que uma velhinha caia
contar histórias obscenas uma noite em família
narrar um crime perfeito a um adolescente loiro
beber um copo de leite e misturar-lhe nitroglicerina
deixar fumar um cigarro só até meio
Abrirem-se as covas e esquecerem-se os dias
beber-se por um copo do oiro e sonharem-se Índias.

ANTÓNIO PEDRO

PROTOPOEMA DA SERRA D'ARGA

Sonhei ou bem alguém me contou
Que um dia
Em San Lourenço da Montaria
Uma rã pediu a Deus para ser grande como um boi
A rã foi
Deus é que rebentou

E ficaram pedras e pedras nos montes à conta da
fábula
Ficou aquele ar de coisa sossegada nas ruínas sensíveis
Ficou o desejo que se pega de deixar os dedos pelas
arestas das fragas
Ficou a respiração ligeira do alívio do peso de cima
Ficou um admirável vazio azul para crescerem
castanheiros
E ficou a capela como um inútil côncavo de virgem
Para dançar à roda o estrapassado e o vira
Na volta do San João d'Arga

Não sei se é bem assim em San Lourenço da Montaria
Sei que isto é mesmo assim em San Lourenço da
Montaria
O resto não tem importância
O resto é que tem importância em San Lourenço da
Montaria
O resto é a Deolinda
A Deolinda dança a goita é leve
E feia a Deolinda

Dança os amores que não teve
Tem o fôlego do hálito alheio que lhe faltou a amolecer
a carne
Seca como a da penedia

O resto é o verde que sangra nos beijos grossos de
apetecerem ortigas
O resto são os machos as fêmeas e paisagem é claro
Como não podia deixar de ser
As raízes das árvores à procura de merda na terra
ressequida
Os bichos à procura dos bichos para fazerem mais
bichos
Ou para comerem outros bichos
Os tira-olhos as moscas as ovelhas de não pintar
E o milho nos intervalos

Todas estas informações são muito mais poema do que
parecem
Porque a poesia não está naquilo que se diz
Mas naquilo que fica depois de se dizer
Ora a poesia da Serra d'Arga não tem nada com as
palavras
Nem com os montes nem com o lirismo fácil
De toda a poesia que por lá há

A poesia da Serra d'Arga está no desejo de poesia
Que fica depois da gente lá ter ido
Ver dançar a Deolinda
Depois da gente lá ter caçado rãs no rio
Depois da gente ter sacudido as varejeiras dos
mendigos
Que também foram à romaria

As varejeiras põem as larvas nos buracos da pele dos
mendigos
E da fermentação
Nascem odores azedos padre-nossos e membros
mutilados

É assim na Serra d'Arga

Quando canta a Deolinda
E vem gente de longe só para a ouvir cantar

Nesses dias
As larvas vêem-se menos
Pois o trabalho que têm é andar por debaixo das peles
A prepararem-se para voar

Quanto aos mendigos é diferente
A sua maneira de aparecer
Uns nascem já mendigos com aleijões e com as rezas
sabidas
Do ventre mendigo materno
Outros é quando chupam o seio sujo das mães
Que apanham aquela voz rouca e as feridas
Outros então é em consequência das moscas e das
chagas
Que vão à mendicidade

Não mo contou a Deolinda
Que só conta de amores
E só dança de cores
E só fala de flores
A Deolinda

Mas sabe-se na serra que há uma tribo especial de
mendigos
Que para os criar bem
Lhes põem desde pequenos os pés na lama dos paus
Regando-os com o esterco dos outros

Enquanto ali estão a criar as membranas que valem a
pena
Vão os mais velhos ensinando-lhes as orações do
agradecimento
Eles aprendem
Ao saberem tudo
Nasce de propósito um enxame de moscas para cada
um

Todas as moscas que há no Minho

Se geraram nos mendigos ou para eles
E é por isso que têm as patinhas frias e peganhosas
Quando pousam em nós
E é por isso que aquele zumbido de vaivém
Das moscas da Serra d'Arga
Ainda lembra a mastigação de lamúrias pelas alminhas
do Purgatório
Em San Lourenço da Montaria

Este poema não tem nada que ver com os outros
poemas
Nem eu quero tirara conclusões como os poetas nos
artigos de fundo
Nem eu quero dizer que sofri muito ou gozei
Ou simplesmente achei uma maçada
Ou sim mas não talvez quem dera
Viva Deus-Nosso-Senhor

Este poema é como as moscas e a Deolinda
De San Lourenço da Montaria
E nem sequer lá foi escrito

Foi escrito conscienciosamente na minha secretária
Antes de eu o passar à máquina
Etc., que não tenho tempo para mais explicações

É que eu estava a falar dos mendigos e das moscas
E não disse
Contagiado pelo ar fino de San Lourenço da Montaria
Que tudo é assim em todos os dias do ano
Mas aos sábados e nos dias de romaria
Os mendigos e as moscas deles repartem-se melhor
São sempre mais
E creio de propósito
Ser na sexta-feira à noite
Que as mendigas parem aquela quantidade de
mendigozinhos
Com que se apresentam sempre no dia da caridade

Elas parem-nos pelo corpo todo
Pois a carne

De tão amolecida pelos vermes
Não tem exigências especiais
E porque assim acontece
Todos os meninos nascidos deste modo têm aquele ar
de coisa mole
Que nunca foi apertada

Os mendigos fazem parte de todas as paisagens
verdadeiras
Em San Lourenço da Montaria
Além deles há a bosta dos bois
Os padres
O ar que é lindo
Os pássaros que comem as formigas
Algumas casas às vezes
Os homens e as mulheres

Por isso tudo ali parece ter sido feito de propósito
Exactamente de propósito
Exactamente para estar ali
E é por isso que se tiram as fotografias
Por isso tudo ali é naturalmente
Duma grande crueldade natural
Os meninos apertam os olhos das trutas
Que vêm da água do rio
Para elas estrebucharem com as dores e mostrarem
que ainda estão vivas
Os homens beliscam o cu das mulheres para que elas
se doam
E percebam assim que lhes agradam
Os animais comem-se uns aos outros
As pessoas comem muito devagar os animais e o pão
E as árvores essas
Sorvem monstruosamente pelas raízes tudo o que
podem apanhar

Assim acaba este poema da Serra d'Arga
Onde ontem vim rachar uma árvore e me deu um certo
gozo aquilo
Parecia a queda dum regímen
Tudo muito assim mesmo lá em cima

E cá em baixo dois suados à machadada

Ao cair o barulho parecia o duma coisa muito dolorosa

Mas no buraco do sítio da árvore

Na mata de pinheiral

O azul do céu emoldurado ainda era mais bonito

Em San Lourenço da Montaria

ARTUR DO CRUZEIRO SEIXAS

As mãos escrevem nas pálpebras
a palavra astro
neste fim de tarde solitário.
A morte é a mais lúbrica das criaturas
e vem e vai
e pendura nas paredes
mil e uma fórmulas secretas
em que são iguais as quantidades de realidade
e do que a ela se opõe.
O vento está visivelmente cansado
arranhou-se num espinheiro
e corre-lhe pelo peito quente
um fio de sangue.
Qualquer coisa como música

advém do seu silêncio
e o olhar é uma ponte nitidíssima
entre duas realidades que não há.

Eu vi-o ouvi-o
a juntar todo o azul
antes de termos a idade de países muito antigos
ao luar.

Um doido pendurado de uma árvore
é um tipo que nunca aprenderá.

Mas eram esses que me mantinham a par de tudo
e não serei eu a acusar a neve
de adormecer sobre nós.

Coisas como as madrugadas
ou a fortaleza invadida pelo tempo
ou a mão cercada por todos os garfos desta cidade
olhadas pelos gatos como simples máscaras
nunca passaram incógnitas
por esta infinita galeria de espelhos.

Desesperadas bategas
encharcam os caminhos
já alagados de lágrimas.

Sobre o mar
abstracto
os espelhos
reiventam o silêncio.

Do sal
fizeram as serras azuis
dançando de roda
esta luz amarela
o cão
e a corda que o prende.

Um olhar furtivo
por certo sabiamente encaixotado
procura-te por toda a parte
e é África que responde por ti
lá do ponto mais perigoso do labirinto
onde nem o Minotauro vem
aquecer com o seu bafo
o teu tiritar convulsivo.

São as tuas pernas que falam
a tua mão os cabelos
o silêncio desferido contra o Nada.
Tudo o que narra o Apocalipse
os que vêm de longe erguer ainda mais uma vez
a arruinda torre sobre o vulcão activo do nosso desejo
em forma de harpa
na outra margem tangida.

Nas extensas praias da foz
cada bago de areia era uma palavra
a que não sabíamos responder.

CARLOS EURICO DA COSTA

Na cidade de Palaguin
o dinheiro corrente era olhos de crianças.
Em todas as ruas havia um bordel
e uma multidão de prostitutas
frequentava aos grupos casas de chá.
havia dramas e histórias de era uma vez
havia hospitais repletos:
o pus escorria da porta para as valetas.
Havia janelas nunca abertas
e prisões descomunais sem portas.
havia gente de bem a vagabundear
com a barba crescida.
Havia cães enormes e famélicos
a devorar mortos insepultos e voantes.
Havia três agências funerárias
em todos os locais de turismo da cidade.
Havia gente a beber sofregamente
a água dos esgotos e das poças.
Havia um corpo de bombeiros
que lançava nas chamas gasolina.

Na cidade de Palaguin
havia crianças sem braços e desnudas
brincando em parques de pântanos e abismos.
Havia ardinhas a anunciar
a falência do jornal que vendiam;
havia cinemas: o preço de entrada
era o sexo dum adolescente
(as mães cortavam o sexo dos filhos

para verem cinema).
Havia um trust bem organizado
para a exploração do homossexualismo.
Havia leiteiros que ao alvorecer
distribuíam sangue quente ao domicílio.
havia pobres a aceitar como esmola
sacos de ouro de trezentos e dois quilos.
E havia ricos pelos passeios
implorando misericórdia e chicotadas.

Na cidade de Palaguin
havia bêbados emborcando ácidos
retorcendo-se em espasmos na valeta.
havia gatos sedentos
a sugar leite nos seios das virgens.
Havia uma banda de música
que dava concertos com metralhadoras;
havia velhas suicidas
que se lançavam das paredes para o meio da multidão.
Havia balneários públicos
com duches de vitríolo – quente e frio
- a população banhava-se frequentes vezes.

Na cidade de Palaguin
havia Havia HAVIA...

Três vezes nove um milhão.

FERNANDO ALVES DOS SANTOS

DOIS POEMAS DA TRANQUILIDADE

I

Deve haver uma maneira tranquila
uma tranquilidade
uma certeza.
Deve haver uma febre
uma febre que seja, quando menos,
que nos dê olhos para ler tudo.
Depois dizem que há uma salvação...

Da minha infância
não guardo agora senão o chão que piso
e esse não chega.
Talvez a minha face
o meu vulto
a sombra
possam servir de algo.
Mas não.

Assim sem alegria
arrefecido, antigo
como posso comover-me
arder exausto
ou beijar o ar
o ar simplesmente
enleado!

II

Porque não posso senão trazer esta humildade
como posso dar-me ou pedir-me
se me pedem e me dão
dizendo fazê-lo por uma esperança.
Mas eu vejo
o que a morte me tem sido para que veja
e não respondo ao que imagino
porque sei que só posso desejar o que desejo.

ODE

Levantar um homem dum túmulo desprezado;
deixá-lo à minha imagem
tocar no ventre das estátuas
justificando para sempre a queda mitológica das cidades.
Procurar coisa tão pouca
como a minha invenção deserta e ágil
num cigarro de acaso a própria manhã
que entre os dedos levo à minha boca.
Deixar que doa uma gota do meu sangue
e correr
correr
até que os pulsos me rebentem;
tiritar de silêncio
ter raízes que ultrapassem os regaços das mães
fazer de novo a morte no seio das montanhas abertas
e beijar na própria epiderme
a nossa lucidez amatória de universo.

FERNANDO LEMOS

Não há tempo
há horas
Não há um relógio
há
hábitos que
me habitam

O poema dói
o ponteiro corta
a hora queima
a morte simula

respira
para não me distrair

De quantas facas se faz o amor
de quantas pedras se faz o vício
de quantos homens se faz o medo
de quantas noites se faz a morte
de quantas vidas se faz uma criança
de quantas ternuras se faz o tédio
de quantas horas
será feita a esperança que guardo
com sons de corpo arrastado
de quantas grutas será feita
esta humilde nas veias
que me acordam
de quantos poros será feito o mistério
de quantos gritos será feita uma religião
de quantos ossos será feita
a maldade
de quantos crimes será feita
esta lua que mal começou
e já me deixou no hábito de apurar
os sentidos

HENRIQUE RISQUES PEREIRA

UM GATO PARTIU À AVENTURA (EXCERTO)

(...)

Livre um gato desliza pela goteira escura da cidade,
livre uma pequena ilha nasce no ponto ignorado do
Oceano,
livres as ondas escorregam na superfície marinha,
livres os pássaros e os cavalos na noite da lua
encantada,
livre eu chamo-te dos cumes das serras,
livres as ondas os cavalos e os pássaros;

(...)

O gato parte à aventura pelos telhados, pelos vales e
pelos Sonhos.

MARCELINO VESPEIRA

MANEQUIM VISADO

Ter fomes polidas
de desejos vadios
e mapas sensatos
de aventuras falidas

E ter um sorriso morno
de manequim visado...

HOJE

O dia não foi meu
e tantos outros que o não são
erro no calendário
ou voluntária distração

E os dias que foram meus
gestos de outros são
que se dão a quem os quer
nos dias que o não são

E da pressa de os perder
do cansaço de os contar
ganho vícios da noite
que me sabem perdurar

Rir com riso
rir sem riso
riso do riso
rir de tudo
riso do nada
rir por todos
riso de medo
rir sem medo
rir ainda com medo
riso de perder o medo
rir para ter medo
riso do medo de rir
riso sem o medo do riso
rir do riso com medo
riso do rir de medo
rir e morrer
riso de morte
morte do riso

MÁRIO HENRIQUE LEIRIA

o amor não somos nós que o temos
é-nos dado
muito antes de termos nascido
talvez verdadeiro autêntico
como o encontro do mar e da luz

depois muito depois
quando os teus braços os teus seios
chegaram até mim
já estavam perdidos
já não existiam
o meu rosto deformado atroz
já não te podia olhar
mas os meus olhos esses sim
ainda te viam como antes
como tu eras quando não existias
só os meus olhos
só os meus olhos
as mãos essas sem dedos
esfoladas esfaceladas
de tanto esperar
nunca te encontraram
e na grande planície do medo
ficavas tu que não existias
o meu corpo belo perdido
sem rosto muito pálido
partiu então
entre a nuvem e a sombra

maravilha de verdade
mas perdido na praia do sonho
embalado nas algas
com muitos animais marinhos no sexo
com um rasto de luas
que sempre sempre
o acompanharão

apenas duas gotas de sangue
pequenas rutilantes

os meus olhos meus olhos
sempre os meus olhos

ORIGEM DOS SONHOS ESQUECIDOS

Entre a bicicleta e a laranja
vai a distância de uma camisa branca

Entre o pássaro e a bandeira
vai a distância de um relógio solar

Entre a janela e o canto do lobo
vai a distância dum lago desesperado

Entre mim e a bola de bilhar
vai a distância dum sexo fulgurante

Qualquer pedaço de floresta ou tempestade
pode ser a distância
entre os teus braços fechados em si mesmos
e a noite encontrada para além do grito das panteras

Qualquer grito de pantera
pode ser a distância
entre os teus passos
e o caminho em que eles se desfazem lentamente

Qualquer caminho
pode ser a distância
entre tu e eu

Qualquer distância
entre tu e eu
é a única e magnífica existência
do nosso amor que se devora sorrindo

MÁRIO CESARINY

YOU ARE WELCOME TO ELSINORE

Entre nós e as palavras há metal fundente
entre nós e as palavras há hélices que andam
e podem dar-nos morte violar-nos tirar
do mais fundo de nós o mais útil segredo
entre nós e as palavras há perfis ardentes
espaços cheios de gente de costas
altas flores venenosas portas por abrir
e escadas e ponteiros e crianças sentadas
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos
há palavras de vida há palavras de morte
há palavras imensas, que esperam por nós

e outras, frágeis, que deixaram de esperar
há palavras acesas como barcos
e há palavras homens, palavras que guardam
o seu segredo e a sua posição

Entre nós e as palavras, surdamente,
as mãos e as paredes de Elsenor

E há palavras e nocturnas palavras gemidos
palavras que nos sobem ilegíveis à boca
palavras diamantes palavras nunca escritas
palavras impossíveis de escrever
por não termos connosco cordas de violinos
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar
muito além do azul onde oxidados morrem
palavras maternais só sombra só soluço
só espasmos só amor só solidão desfeita

Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever de falar

hoje, dia de todos os demónios
irei ao cemitério onde repousa Sá-Carneiro
a gente às vezes esquece a dor dos outros
o trabalho dos outros o coval
dos outros

ora este foi dos tais a quem não deram passaporte
de forma que embarcou clandestino
não tinha política tinha física
mas nem assim o passaram
e quando a coisa estava a ir a mais
tzzt... uma poção de estricnina
deu-lhe a moleza foi dormir

preferiu umas dores parece que no lado esquerdo da alma
uns disparates com as pernas na hora apaziguadora.
herói à sua maneira recusou-se
a beber o pátrio mijo
deu a mão ao Antero, foi-se, e pronto,
desembarcou como tinha embarcado

Sem Jeito Para o Negócio

EXERCÍCIO ESPIRITUAL

É preciso dizer rosa em vez de dizer ideia
é preciso dizer azul em vez de dizer pantera
é preciso dizer febre em vez de dizer inocência
é preciso dizer o mundo em vez de dizer um homem

É preciso dizer candelabro em vez de dizer arcano
é preciso dizer Para Sempre em vez de dizer Agora
é preciso dizer O Dia em vez de dizer Um Ano
é preciso dizer Maria em vez de dizer aurora

DE PROFUNDIS AMAMUS

Ontem
às onze
fumaste
um cigarro
encontrei-te
sentado
ficámos para perder
todos os teus eléctricos
os meus
estavam perdidos
por natureza própria

Andámos
dez quilómetros
a pé
ninguém nos viu passar
excepto
claro
os porteiros
é da natureza das coisas
ser-se visto
pelos porteiros

Olha
como só tu sabes olhar
a rua os costumes
O Público
o vinco das tuas calças
está cheio de frio
e há quatro mil pessoas interessadas
nisso

Não faz mal abracem-me

os teus olhos
de extremo a extremo azuis
vai ser assim durante muito tempo
decorrerão muitos séculos antes de nós
mas não te importes
não te importes
muito
nós só temos a ver
com o presente
perfeito
corsários de olhos de gato intransponível
maravilhados maravilhosos únicos
nem pretérito nem futuro tem
o estranho verbo nosso

POEMA

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu ando
a limitar a tua altura
e bebo a água e sorvo o ar
que te atravessou a cintura
tanto tão perto tão real
que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento
num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco

eu em 1951 apanhando (discretamente) uma beata
(valiosa)
num café da baixa por ser incapaz coitados deles
de escrever os meus versos sem realizar de facto
neles, e à volta sua, a minha própria unidade
- fumar, quere-se dizer

esta, que não é brilhante, é que ninguém esperava
ver num livro de versos. Pois é verdade. Denota
a minha essencial falta de higiene (não de tabaco)
e uma ausência de escrúpulo (não de dinheiro) notável

o Armando, que escreve à minha frente
o seu dele poema, fuma também.
fumamos como perdidos escrevemos perdidamente
e nenhuma posição no mundo (me parece) é mais alta
mais espantosa e violenta incompatível e reconfortável
do que esta de nada dar pelo tabaco dos outros
(excepto coisas como vergonha, naturalmente,
e mortalhas)

(que se saiba) é esta a primeira vez
que um poeta escreve tão baixo (ao nível das piriscas dos
outros)
aqui, e em parte mais nenhuma, é que cintila o tal
condicionalismo
de que há tanto se fala e se dispõe
discretamente (como quem as apanha)
sirva tudo de lição aos presentes e futuros
nas taménidas (várias) da poesia local.
Antes andar por aí relativamente farto
antes para tabaco que para cesariny
(mário) de vasconcelos

O PRESTIDIGITADOR ORGANIZA UM ESPECTÁCULO

Há um piano carregado de músicas e um banco
há uma voz baixa, agradável, ao telefone
há retalhos de um roxo muito vivo, bocados de fitas de
todas as cores
há pedaços de neve de cristas agudas semelhantes às das
cristas de água, no mar
há uma cabeça de mulher coroada com o ouro torrencial
da sua magnífica beleza
há o céu muito escuro
há os dois lutadores morenos e impacientes
há novos poetas sábios químicos físicos tirando os
guardanapos do pão branco do espaço
há a armada que dança para o imperador detido de pés e
mãos no seu palácio
há a minha alegria incomensurável
há o tufão que além disso matou treze pessoas em Kiu-
Siu
há funcionários de rosto severo e a fazer perguntas em
francês
há a morte dos outros ó minha vida

há um sol esplendente nas coisas

PEDRO OOM

POEMA

Tua boca
é um dia estreito
cheio de moscas

De noite
tem a cor azul-verde
dum veneno
como o mar.

ACTUAÇÃO ESCRITA

Pode-se escrever

Pode-se escrever sem ortografia

Pode-se escrever sem sintaxe

Pode-se escrever sem português

Pode-se escrever numa língua sem se saber essa língua

Pode-se escrever sem saber escrever

Pode-se pegar na caneta sem haver escrita

Pode-se pegar na escrita sem haver caneta

Pode-se pegar na caneta sem haver caneta

Pode-se escrever sem caneta

Pode-se sem caneta escrever caneta

Pode-se sem escrever escrever plume

Pode-se escrever sem escrever

Pode-se escrever sem sabermos nada

Pode-se escrever nada sem sabermos

Pode-se escrever sabermos sem nada

Pode-se escrever nada

Pode-se escrever com nada

Pode-se escrever sem nada

Pode-se não escrever

AS VIRTUDES DIALOGAIS

Dentro
de mim
há uma planta
que cresce
alegremente
que diz
bom dia
quando nos amamos
ao entardecer
e boa noite
quando florimos
à alvorada
uma árvore
que não está com o tempo
este tempo
a que chamamos
nosso.

IDADE SEM RAZÃO

Os animais
cuja vivência
são as visitas
que todos temos feito
a girafa
ou o crocodilo
bastam
para romper
a fascinação
idade cartesiana
tanto do direito
como
do avesso

JOSÉ MARIA ALVES
www.homeoesp.org
www.josemariaalves.blogspot.com